



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

## FORMAÇÃO ESCOLAR E PRÁTICAS DOCENTES: MEMÓRIAS E NARRATIVAS

ISABELA GONÇALVES DE MENEZES

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

### RESUMO

Neste artigo, ressalta-se que na sala de aula cada professor pode imprimir seu estilo, postura, disciplina, carisma, criatividade e modelo pedagógico e, dessa associação, podem resultar experiências que incidem sobre o relacionamento com os alunos e na influência, mesmo que não-intencional, em suas vidas. Traz exemplos dos professores que marcaram os autores Manoel de Barros, Cora Coralina e Albert Camus, bem como apresenta depoimentos, memórias e narrativas de escritores e professores que se lembram de antigos mestres, de suas práticas docentes e do tempo que passaram em sala de aula.

Palavras-chave: Aulas. Educação. Memórias. Narrativas. Práticas docentes.

### RESUMEN

Este artículo destaca que en el aula cada profesor puede imprimir su estilo, la postura, la disciplina, el carisma, la creatividad y el modelo pedagógico y esta asociación puede resultar de experiencias que se centran en la relación con los estudiantes y la influencia, incluso si no intencional, en sus vidas. Presenta ejemplos de maestros que marcaron los autores Manoel de Barros, Cora Coralina y Albert Camus y presenta testimonios, recuerdos y relatos de escritores y profesores que recuerdan los viejos maestros, sus prácticas de enseñanza y el tiempo que pasaron en el aula.

Palabras clave: Clases. Educación. Memorias. Narrativas. Las prácticas de enseñanza.

### INTRODUÇÃO

Em uma sala de aula, para a mesma informação ou conteúdo, diferentes professores, de acordo com sua postura e interação com a classe, podem causar reações distintas nos alunos, incidindo em seu aprendizado e no modo como vão se relacionar com determinado assunto, fazendo com que se sintam mobilizados para aprender ou até mesmo detestar o que foi ensinado.

Muitos dos aprendizados são subprodutos de fatos que ocorrem no cotidiano e, no âmbito escolar, acontecem ou o professor faz com que aconteçam muitas coisas quase sem se dar conta, pois transmite mensagens tanto com o que diz e faz, como por meio do que não diz e não faz. De fato, o professor ensina intencionalmente e, às vezes, não intencionalmente. Nos efeitos não intencionais entra em jogo a relação professor-aluno que deve ser entendida de forma global, pois tudo é relação e comunicação: até o modo de olhar para o aluno diz algo para ele (MORALES, 1999).

Em suas pesquisas, Cunha (2001) detectou três eixos na relação professor-aluno: a *afetividade*, o *conteúdo* (metodologia) e a *ideologia*. Com relação ao primeiro eixo, a ideia de bom professor passa pela capacidade que este tem de se mostrar próximo do ponto de vista afetivo. Mas a pesquisadora acrescenta que “as virtudes e valores do professor que consegue estabelecer laços afetivos com seus alunos repetem-se e intrincam-se na forma como ele trata o conteúdo e nas habilidades de ensino que ele desenvolve” (p. 150), assim, a metodologia é outro aspecto que entrelaça esta relação.

Morales (1999) acrescenta que métodos, exercícios e práticas de ensino utilizados pelo professor em sala de aula podem influenciar, além do aprendizado dos conteúdos ou habilidades dos alunos, suas atitudes com relação à

matéria, ao estudo, ao trabalho e a respeito de si mesmos, podendo incidir em seu desenvolvimento emocional e social, portanto, não ficando restritos apenas à linha do conhecimento e do desenvolvimento intelectual.

Villela (2002), reportando-se a Norbert Elias (1994), afirma que este sociólogo atribuiu ao processo civilizatório os constrangimentos psicossociais que ocorreram no mundo ocidental, ao considerar que a função de formação do superego, antes restrita à família e à igreja, foi em grande parte assumida pela escola que passou a se responsabilizar pela formação moral de seus alunos, sobretudo a partir do século XIX.

Alguns professores, conscientes de sua influência na vida dos alunos, até mesmo no desenvolvimento moral, no discernimento dos próprios valores e na definição do que eles querem fazer com suas vidas, preocupam-se com o conteúdo de suas aulas.

Gilles Deleuze, na letra P de professor de seu *Abecedário (L'Abécédaire de Gilles Deleuze)* – um conjunto de entrevistas concedidas entre os anos 1988-1989 – afirmou que uma aula deve ser algo muito preparado. Para ele, a aula parece muito com outras atividades e, se o professor deseja cinco ou dez minutos de inspiração, deve fazer uma longa preparação – até mesmo ensaiar –, pois, se não fizer isso o bastante, não estará inspirado. Ponderou que uma aula quer dizer momentos de inspiração, senão não quer dizer nada e revelou que durante sua vida de professor sempre fez assim, preparando-se e ensaiando muito para ter esses momentos de inspiração. Ainda que o professor nem sempre ache interessante o que diz, faz-se necessário achar a matéria da qual trata e abraça fascinante. Aulas, segundo Deleuze, são algo muito especial, são como um cubo, um espaço-tempo: muitas coisas podem acontecer em uma aula, pois é algo que se estende de uma semana a outra. Há uma sequência e não se pode recuperar o que não se fez (DELEUZE, 1996).

Morales (1999) ressalta que é oportuno não olvidar que o professor pode vir a ter um papel muito importante na vida de seus alunos, tanto como exemplo de identificação, ao menos de maneira parcial, ou porque suas aulas e seu comportamento podem ficar gravados nas memórias dos alunos por toda a vida. E arremata: “talvez nós mesmos possamos nos lembrar de algum professor que tenha nos deixado uma marca especial e que em alguma dimensão de nossa vida continua sendo um modelo” (p. 22).

Assim, da trajetória escolar, de toda a experiência vivida em sala de aula, ficam as memórias. Chaunu (1989) afirma que é a memória, pela qual é fascinado, “que retém o cimento do espírito, o segredo da nossa identidade: a memória entrega-nos à vertigem do ser e do tempo” (p. 63 apud LOPES, 2004, p. 23).

Em simultâneo, Lopes (2004) considera que na educação há o tangível, isto é, pessoas que pensam e agem, mas é no intangível que pode ser encontrada uma camada mais profunda, relativa aos sentimentos, aos ressentimentos, “uma história que ainda não começou a ser escutada ou narrada, mas que já está aí”, todos os dias, possibilitando a escolha do que está à tona (p. 29).

Acatando esta suscitação, neste artigo são apresentadas memórias e narrativas de experiências vividas na formação escolar, com ênfase na relação professor-aluno, de escritores como Manoel de Barros, Cora Coralina e o Nobel de literatura Albert Camus, além de exemplos colhidos em fontes como agradecimentos e dedicatórias de livros, dissertações e teses.

## CAMUS E OS PROFESSORES LOUIS GERMAIN E JEAN GRENIER

O escritor e filósofo franco-argelino Albert Camus foi um menino pobre, órfão de pai e filho de mãe analfabeta e parcialmente surda. Nasceu em uma propriedade vinícola perto de Mondovi, na Argélia, em 1913. No ano seguinte, antes que completasse um ano, seu pai foi morto na I Guerra Mundial. Camus passou, então, a ser criado por sua mãe e por sua avó materna no subúrbio pobre de Belcourt, bairro proletário de Argel.

Camus poderia ter apenas reproduzido a condição social de seus familiares, tornando-se um operário ou um balconista; porém, dois professores, Louis Germain e Jean Grenier, ao perceberem seu talento natural, influenciaram sua formação e a definição de sua vida profissional (BARRETO, 1991). Assim, utilizando um termo de J. P. Terrail apresentado por Charlot (2000), torna-se uma criança “trânsfuga” que, embora oriunda de família popular, mudou de mundo graças ao sucesso escolar.

Diante do apoio recebido, o professor Louis Germain foi homenageado por Camus com um dos mais belos capítulos do livro *O primeiro homem*, cujo manuscrito foi encontrado na pasta do escritor quando do acidente que lhe causou a morte (CAMUS, 2005).

Segundo Todd (1998), o professor Germain, como um progressista social, tinha conhecimento da famosa carta de Jules Ferry que instruíra aos professores serem exemplos para seus alunos.

A carta destacava ser impossível que um professor, estando rodeado todos os dias de alunos que escutam suas lições, observam sua conduta e se inspiram em seus exemplos – naquela fase da vida em que o espírito se desperta, o

coração se abre e a memória se enriquece – não aconteça de aproveitar desta confiança para transmitir, com seus conhecimentos escolares, princípios da moral. Enfatizava que o professor é o auxiliar e, de certo modo, o suplente do pai de família, portanto, deveria falar ao aluno como quisera que se falasse ao seu filho, com firmeza e com autoridade, quando se tratasse de uma verdade indiscutível (FERRY, 1945).

Visivelmente, Louis Germain gostava muito de Camus, a tal ponto de um dia ele ser chamado ironicamente de “xodó” por um dos colegas de sala. O professor tomou isso contra si e admitiu esta preferência, bem como por todos aqueles alunos que perderam o pai na guerra, justificando que lutou com os pais deles e, por continuar vivo, tentava substituir seus companheiros mortos (CAMUS, 2005).

Camus tinha boas lembranças das aulas de Germain, considerando-as sempre interessantes e cativantes pela simples razão de que este professor era apaixonado pelo seu trabalho. Recordava que “lá fora, o sol podia estar rachando sobre as paredes foscas enquanto o calor estalava na sala” de aula ou que podia cair uma “tempestade em cachoeiras intermináveis, transformando a rua num poço sombrio e úmido, que a classe mal percebia. Apenas as moscas, na época das tempestades, distraíam algumas vezes a atenção das crianças”. Mas ressalta que o método do professor Bernard, que não cedia na disciplina e tornava tudo vivo e divertido em seus ensinamentos, prevalecia sobre as moscas, pois, no momento certo, tirava de “seu armário de tesouros a coleção de minerais, de ervas, de borboletas e de insetos dissecados, de mapas [...] que despertavam o interesse cada vez maior dos alunos” (CAMUS, 2005, p. 131).

Inflexível sobre ortografia, pontuação, aritmética e composição, Germain organizava concursos de aritmética mental e fazia apresentações de *slides* sobre geografia e história natural para seus extasiados alunos (TODD, 1998). Como não havia livros em casa, foi na escola onde Camus descobriu o mundo das palavras (TODD, 1998). De fato, a escola lhe dava muitas alegrias através da leitura de livros que contavam histórias de outros lugares, alguns exóticos e, sem dúvida, o que ele e seus colegas “amavam tão apaixonadamente nela era o que não encontravam em suas casas, onde a pobreza e a ignorância tornavam a vida mais dura, mais morna, como que fechada em si mesma” (CAMUS, 2005, p. 132). Além disso,

a escola não lhes oferecia apenas uma evasão da vida de família. Nas aulas [...] ela alimentava neles uma fome ainda mais essencial para a criança do que para o homem, que é a fome da descoberta [...] [e] pela primeira vez sentiam que existiam e que eram objeto da mais alta consideração: julgavam que eram dignos de descobrir o mundo. E o professor não se limitava apenas a ensinar-lhes aquilo que era pago para ensinar, ele os acolhia com simplicidade em sua vida pessoal, dividia-a com eles, contando-lhes sua infância e a história de crianças que conhecera, expunha seus pontos de vista, não suas ideias, pois era, por exemplo, anticlerical como muitos de seus colegas, e nunca na classe tinha uma palavra contra a religião, nem contra nada que pudesse ser objeto de uma escolha ou de uma convicção, mas condenava com mais força aquilo que não era passível de discussão, o roubo, a delação, a indelicadeza, a sujeira (CAMUS, 2005, p. 133).

Foi Germain que incentivou o então menino de nove anos e o ajudou a ganhar uma bolsa escolar para o Liceu, o que lhe possibilitou chegar à faculdade. E isso teve grande importância na vida do escritor, pois o professor influenciou “com todo o seu peso de homem, num certo momento, para modificar o destino desse menino que estava sob sua responsabilidade, e na verdade o tinha modificado” (CAMUS, 2005, p. 125).

A avó de Camus era contra a bolsa de estudos, pois não considerava conveniente o fato de ele passar seis anos estudando no Liceu sem poder trabalhar e contribuir com seu salário para o orçamento. Por isso, o professor Germain foi até a casa de Camus para falar com sua mãe e avó sobre as habilidades do menino, bem como prometeu que lhe daria aulas suplementares para que ele pudesse concorrer à bolsa que iria pagar por uma escola de alto diploma, após o qual poderia obter um emprego melhor (TODD, 1998). O reconhecimento e gratidão de Camus se manifestaram publicamente em 1957 quando, em seu discurso de aceitação, viria a dedicar o Prêmio Nobel de Literatura ao professor Germain:

Deixei que passasse um pouco o movimento que me envolveu todos esses dias antes de vir falar-lhe de coração aberto. Acaba de me ser feita uma grande honra que não busquei, nem solicitei. Mas quando eu soube da novidade, meu primeiro pensamento, depois de minha mãe, foi para você. Sem você, sem essa mão afetuosa que você estendeu ao menino pobre que eu era, sem seu ensino, sem seu exemplo, nada disso teria acontecido. Eu não faço questão dessa espécie de honra. Mas essa é ao menos uma ocasião

para dizer-lhe o que você foi e sempre é para mim, e para assegurar-lhe que os seus esforços, que o seu trabalho e o coração generoso que você coloca em tudo o que faz, sempre de maneira viva com relação a um de seus pequenos discípulos que, não obstante a idade, não cessou jamais de ser seu aluno reconhecido (CAMUS, 2005, p. 293).

Louis Germain seria o primeiro na linha de um pai substituto e mentores intelectuais que pavimentaram o caminho de pobreza de Camus de Belcourt até Paris – incluindo o jornalista e editor Gaston Gallimard Pascal Pia e Jean Grenier, a quem Camus explicitamente disse “reconheci como pai” (CAMUS, 2005, p. 267).

No Liceu, o poeta e ensaísta Jean Grenier foi outro professor que teve profunda influência na vida de Camus. Mais tarde, na faculdade, Grenier se reencontra com Camus no professorado de Filosofia e o inicia na leitura de Platão, Pascal, Kierkegaard, Bergson e Nietzsche. “A influência de Grenier sobre o jovem Camus foi decisiva para a descoberta da vocação de escritor como também na escolha do tipo de inquietação intelectual que seria abordada por ele”, afirma Barreto (1991, p. 15).

Foi Grenier quem corrigiu o *Ensaio sobre a música* que Camus escreveu aos dezenove anos e que a revista *Sud* publicaria em 1932. Nos originais, podem ser lidas algumas observações do mestre como “rever”, “condensar”, “eliminar o aspecto escolar”, “bem feito”, “não tocar”, “certo, mas mal expresso”, até um “é falso” quando Camus afirmou a relação de Wagner com as mitologias alemãs e um “é tolice”, quando disse que a música é um instrumento de redenção (GONZÁLES, 2002, p. 21).

O agradecimento de Camus ao professor se manifestou ao lhe dedicar seu primeiro livro, *O avesso e o direito*, publicado em 1935, quando tinha vinte e dois anos. Neste livro está inteira, também, a influência de Grenier. Vinte anos depois, quando o reeditou, persistiu: “sinto-me um aprendiz aos pés de escritores dos quais um dos primeiros é aquele a quem estes ensaios foram dedicados” (GONZÁLES, 2002, p. 20). Quando publicou *O homem revoltado*, considerado o mais importante de toda sua obra, foi a Grenier, mais uma vez, que dedicou (BARRETO, 1991).

Para o título de *O mito de Sísifo*, Camus também foi influenciado pelo professor Grenier que, em seu *Ensaio sobre o espírito da ortodoxia*, tratava sobre os mortais punidos pelos deuses e criticava o fato de que se fala muito do mito de Prometeu, esquecendo-se de citar a parte principal que é seu desfecho, além de que nunca se fala de Sísifo. A partir dessa observação, Camus extraiu três consequências de suas meditações sobre o absurdo: sua revolta, sua liberdade, sua paixão (TODD, 1998).

Assim, pode-se dizer que Grenier não foi um professor comum da rede de ensino francesa na província argelina, mas um mestre “à cata de discípulos, investido de uma missão, acreditando que só ensina aquele que sabe proporcionar guias permanentes para a vida” (GONZÁLEZ, 2002, p. 20).

## AULAS, MESTRES E POESIA

Em entrevista ao programa *Starte* da Globo News, o poeta Manoel de Barros fala que “a poesia é o mel das palavras” e se emociona ao lembrar de certa aula, ocorrida quando cursou o ginásio (BARROS, 2005). Ele também aborda esse acontecimento no livro *Memórias inventadas (a segunda infância)*, em um poema com o sugestivo título de *Aula*, a inesquecível aula de um professor de latim.

Através do poema, Manoel de Barros (2006, p. X) conta que, certo dia, Mestre Aristeu, professor de latim, falou que não gostava de “palavras de tanque” porque são estagnadas, estanques, acostumadas e podem pegar mofo. Acrescentou que gostaria de escrever um livro e nele usaria um idioma de “larvas incendiadas”, uma linguagem que obedecesse a desordem das falas infantis do que as ordens gramaticais e que, ao desfazer o normal, fizesse uma norma. Os alunos ficaram impressionados com essa aula e um deles considerou que o professor havia “desalterado” porque, como disse o poeta, “o desespero é sempre o que não se espera”. Mas o professor, exaltado, disse que falava da poesia, que é o mel das palavras, enquanto ele era um enxame. Barros (2005) revelou que nunca mais viu esse professor pois, por causa de seu discurso o mestre foi demitido, não obstante, na obra do poeta, pode-se perceber a influência dessa “aula”.

Ainda poeticamente, conta que aos treze anos descobriu que não era a beleza das frases que lhe dava mais prazer nas leituras, mas a “doença delas”. Desconfiando que esse fosse um “gosto esquisito” de um sujeito “escaleno”, comunicou-o ao padre Ezequiel, seu preceptor, porém, para sua surpresa, o professor lhe disse que gostar de fazer defeitos na frase era algo muito saudável e, com isso, “fez um limpamento” nos receios do então menino Manoel de Barros. Arrematou que aquele gosto não era doença e se riu, ao perguntar se o aluno não era de bugre. À resposta afirmativa, ponderou que “o bugre só pega por desvios, não anda em estradas – pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os ariticuns maduros”, além de aconselhar que “há que apenas saber errar bem seu idioma”. O

poeta confessa que esse professor Ezequiel foi o seu primeiro professor de “agramática”, dando pistas do poder de seus conselhos em sua poesia (BARROS, 2009, p. 87).

Tal como Manoel de Barros, algumas memórias de Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, foram apresentadas em forma de poesia. Vidal e Faria Filho (2005), quando tratam dos tempos e espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil, apresentam trechos do poema *A escola da Mestra Silvina*, no qual Coralina (1984) fala da antiga mestra, dos períodos escolares, dos recreios, dos exames, das notas, da saudade quando passava pela antiga escola primária, tanto que lhe parecia ver a Mestra nas rótulas e, mentalmente, beijava-lhe as mãos pedindo sua benção.

No poema *Mestra Silvina*, Coralina (1995) se vê pequena, no banco das atrasadas, voltando a ser Aninha, aquela em que ninguém acreditava. Vestindo a memória, recorda que a escola primária foi seu ponto de partida e, através dela, deu voltas e criou seus mundos. Reverencia sua velha Mestra ao lembrar que era um casulo feio, informe, inexpressivo, mas Silvina, com sua paciência e didática, cinquenta anos a mais que a aluna, desencantou seu entendimento ocluso. Apesar de a escola ser tão pobre, encerrava uma luz que ninguém via e, cuja mestra, tornou-se, pelas lembranças, iluminada de uma nova dimensão.

#### AQUI, ALI, EM QUALQUER LUGAR

Assim como diz a música dos Beatles, aqui, ali e em qualquer lugar podem ser encontradas memórias e narrativas sobre as relações professor-aluno na formação escolar e, conseqüentemente, o intangível, no dizer de Lopes (2004).

A própria Lopes (2004) apresenta depoimento de Georges Duby sobre o que o teria levado ser historiador. Embora não veja claro, pois tem impressões de acasos, Duby lembra que quando concluiu seus estudos secundários queria muito fazer filosofia, mas o próprio professor dessa matéria o aconselhou que não, pois, pelo que conhecia do aluno, acreditava que ele se daria melhor se ocupando mais de coisas do que de palavras. Foi assim que se inscreveu na Universidade de Lyon para estudar História, embora decidido a ser geógrafo e, durante muito tempo, manteve-se nesse caminho mas, no fim dos estudos de licenciatura, teve aulas com um professor que, embora não fosse um grande erudito, ensinava a história da Idade Média de forma maravilhosa por ser um excelente professor, pois sabia incorporar a vida em seu discurso. Segundo Duby, foi este professor que o “desencaminhou” e o converteu à História (DUBY; GEREMEK, 1993 apud LOPES, 2004).

Lopes (2004) também traz as memórias de Freud, que expôs: “minha emoção ao encontrar meu velho mestre-escola adverte-me de que, antes de tudo, devo admitir uma coisa: é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres” (FREUD, 1914 apud LOPES, 2004, p. 26).

Do mesmo modo, para Raquel Gandini (1999 apud LOPES, 2004), foram os professores e as convivências que mais a marcaram e o que é mais marcante em seu texto. Lopes (2004) corrobora com esta autora quando diz que em seu trabalho vê-se desfilar “nomes que já tinham escapado da lembrança e ido morar no esquecimento; a chamada desses nomes, presentes no panorama da educação brasileira nos anos setenta e oitenta, evoca laços afetivos e conduz a outras lembranças diferentes dessas que a autora traz” (p. 28).

Em um estudo sobre ginasianos na Aracaju dos anos dourados, Graça (2002) também escreve sobre professores que exerceram fascínio nos alunos, sendo que a curiosidade e admiração pela disciplina determinaram os destinos de alguns, como pode-se constatar no depoimento de uma aluna, oriunda de bairro pobre, de periferia, que ficou impressionada ao chegar na sala de aula e encontrar a professora falando francês e, de tão encantada, resolveu seguir a mesma profissão. Em outros depoimentos, os alunos destacam que os professores os marcaram pela competência, conhecimento, comprometimento e até pelo sofrimento que passavam. Vale ressaltar que a própria autora dedica seu livro a dois ex-professores: a uma professora que lhe despertou o interesse pela antropologia e a um professor que a encaminhou pelas trilhas da história da cultura, incentivando-a para as coisas do intelecto.

De igual modo, Souza (2003), nos agradecimentos do livro sobre o intelectual sergipano Nunes Mendonça, homenageia “Maria de Branquinha”, sua ex-professora primária que lhe fez “gostar das letras” (p. 8). Nunes Mendonça, um autodidata que teve aulas com o sociólogo sergipano Florentino Menezes, em discurso pronunciado à beira do túmulo deste professor, revelou que quando tinha catorze anos, foi à sua casa com um trabalho literário em mãos e de lá saiu, horas depois, sorridente e encorajado pela bondade e pelo estímulo recebido de um professor que tinha “inquebrantável fé nos moços” e nos quais “divisava os construtores do mundo de amanhã” (NUNES MENDONÇA, 1959, p. 4 apud SOUZA, 2003, p. 123).

O apoio e a proximidade de um professor também podem ser uma porta de entrada no mercado de trabalho para

seus alunos. Bontempi Junior (2001) cita o caso do sociólogo Florestan Fernandes que, proveniente de um curso de madureza, enfrentou dificuldades quando cursou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, devido ao grande número de professores estrangeiros, principalmente franceses, que davam aulas na sua própria língua e não tomavam em consideração as deficiências de formação e informação dos alunos. Mas, apesar das dificuldades, Florestan Fernandes encontrou no professor Roger Bastide um incentivador à publicação de seus artigos, quando solicitou ajuda a seus cômpanes, importantes editores da grande imprensa. Acolhido por Bastide, Florestan Fernandes diz, segundo Bontempi Junior (2005), que o apoio desse professor lhe proporcionou fazer, simultaneamente, um curso de graduação e um treinamento mais rigoroso e avançado ao das aulas e seminários.

Vilella (2002), por sua vez, avalia nos agradecimentos de sua tese de doutorado que seus professores e professoras colocaram tijolos, um a um, na construção de sua formação.

## CONSIDERAÇÕES

Na vida de todos, sempre há uma pessoa que faz toda a diferença e o professor, certamente, pode ser uma delas. Através dos exemplos apresentados neste artigo, pôde-se perceber que o professor, através de seu comportamento e ensino, deixa marcas na vida de seus alunos. Isso acontece porque, no convívio diário, o professor é observado em tudo. De fato, cada aluno traz lembranças de seus professores, não só dos conteúdos das matérias ensinadas, mas de frases, conselhos e atitudes. O aluno cresce e envelhece, mas não se esquece de muito do que foi aprendido e experimentado em sala de aula onde passou boa parte de sua vida.

Assim, o professor deve ter em mente a importância do seu papel na vida de seus alunos, tendo cuidado na preparação de suas aulas, no método pedagógico escolhido e na forma de se expressar, visto que seu exemplo poderá influenciar nas escolhas e no futuro de seus alunos. Posturas antagônicas e contraditórias ao que diz podem confundir a classe e, a este respeito, Freire (1996, p. 34) adverte que “as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem”.

Contudo, o professor também sofre intervenientes em seu desempenho. Cunha (2001) lembra que ele nasceu em época, circunstância e local que interferem no seu modo de ser e de agir. Desse modo, suas experiências e história são fatores determinantes em seu comportamento. Ademais, o conhecimento do professor é construído no seu próprio cotidiano, embora não seja apenas fruto da vida na escola: a participação profissional, ou em movimentos sociais, religiosos, sindicais, políticos e comunitários, pode ter mais influência do que a formação acadêmica. Do mesmo modo, a prática e os saberes que podem ser observados no professor são resultado da apropriação que ele fez da prática e dos saberes histórico-sociais.

O fato é que aqui, ali e em qualquer tempo ou lugar, como bem o disse uma personagem do filme *O clube do imperador* (2002), os professores são pilares na íntima estrutura das escolas, sendo mais essenciais do que suas pedras ou vigas, pois continuarão a ser uma força despertadora e um poder revelador na vida de seus alunos, projetando sua vida em outras vidas.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Vicente. **Camus**: vida e obra. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

\_\_\_\_\_. **Memórias inventadas** (a segunda infância). São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. **Manoel de Barros**: entrevista. Entrevistadora: Bianca Ramoneda. Rio de Janeiro: GLOBO NEWS, 2005. 1 DVD (ca. 40 min.), colorido.

BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. **A cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre os anos 40 e 60**: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa. Tese de Doutorado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

CAMUS, Albert. **O primeiro homem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 5. ed. São Paulo: Global, 1995.

\_\_\_\_\_. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 6. ed. São Paulo: Global, 1984.

CUNHA, Maria Isabel da. A relação professor-aluno. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Repensando a didática**. Campinas: Papirus, 2001. p. 145-155.

DELEUZE, Gilles. **L'Abécédaire de Gilles Deleuze**: entrevistas. [1988-1989]. Entrevistadora: Claire Parnet. Direção: Pierre-André Boutang. França, Éditions Montparnasse, Paris, 1996. 3 DVD (453 min), colorido.

FERRY, Jules. Carta Dirigida a los Maestros por el Ministro de Instrucción. In: FERRY, Jules. et al. **La escuela laica**. Buenos Aires: Editorial Losada S.A., 1945.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZÁLEZ, Horacio. **Albert Camus**: a libertinagem do sol. São Paulo: Brasiliense, 2002.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **Pés de anjo e letreiros de neon**: ginasianos na Aracaju dos anos dourados. São Cristóvão – SE: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2002.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. O aprendiz de feiticeiro e o mestre historiador: quem faz a história? In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol. 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 19-31.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SOUZA, Josefa Eliana. **Nunes Mendonça**: um escolanovista sergipano. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2003.

THE EMPEROR'S Club (O clube do imperador). Direção: Michael Hoffman. Produção: Marc Abraham e Andy Karsch. Intérpretes: Kevin Kline, Emile Hirsh, Embeth Davidtz e outros. Roteiro: Neil Tolkin e Ethan Kanin. EUA, Universal Studios, 2002. 1 DVD (108 min), colorido. Distribuído por Europa Filmes. Baseado na novela "The Palace Thief" (O ladrão do palácio) de Ethan Canin.

TODD, Olivier. **Albert Camus**: uma vida. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história**: estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VILELLA, Heloisa de Oliveira Santos. **Da palmatória à lanterna mágica**: a Escola Normal da Província do Rio de Janeiro entre o artesanato e a formação profissional (1868-1876). Tese de Doutorado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2002.

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, com doutorado sanduíche na Universidade de Lisboa.  
Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista CAPES.

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 07/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: